

SPECIAL INTERVIEW . JANEIRO 2023

YELLOW

.mag



Max Petterson

Art • Culture • Fashion • Music

YELLOWMAGAZINE

Open a new mind. Reset your ideas.





COVER STORY

MAX PETTERSON

Photography by **JOHN FELIX**

Talent **MAX PETTERSON**

Written by **JOAQUIM JÚNIOR**

Editor & Casting **CARLOS MOSSMANN**

Do Cariri para o mundo, Max Petterson brilha ao trilhar carreira no cinema, na TV e no teatro.

POR JOAQUIM JÚNIOR

Era entre final de tarde e início da noite quando eu aguardava a chegada de Max Petterson na cafeteria que combinamos de nos encontrar, no centro da cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará. A trilha sonora era um R&B e, mesmo que a temperatura estivesse na casa dos 30° C, o tempo era agradável. Felizmente, meu entrevistado é acostumado a todo tipo de temperatura, afinal ele é natural da região do Cariri cearense, da cidade de Farias Brito, onde os 40° C podem ser alcançados facilmente em alguns meses do ano, e também mora em Paris, onde o inverno pode chegar a temperaturas tão baixas que um caririense pode, literalmente, bater o queixo.

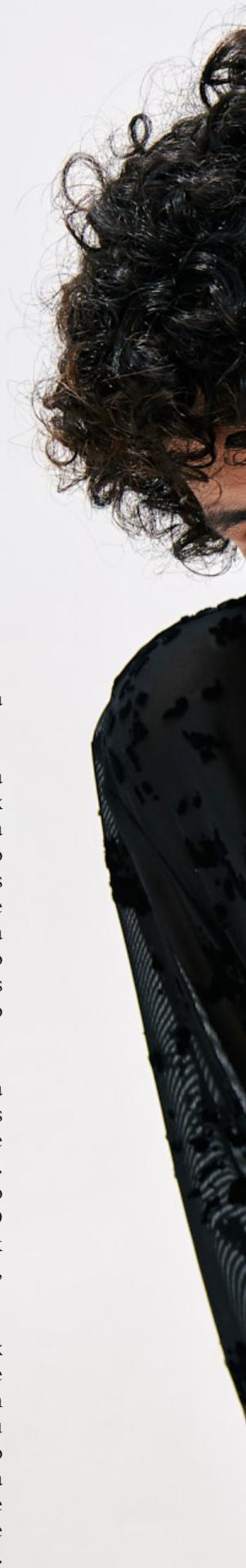
Assim que avistei Max pude notar a mesma essência que encontrei no jovem sonhador que conhecera anos atrás, no ano de 2014, em Crato – a cidade que ele estudava quando decidiu investir no sonho de cursar Teatro em Paris. Na época, nossa conversa ocorreu num banco da Praça da Sé, coração da cidade cratense. O motivo? Uma entrevista para divulgar uma vaquinha on-line iniciada por Max com o intuito de arrecadação financeira que colaborasse com os primeiros gastos na capital francesa. Naquele dia conversamos por um tempo, sob a sombra de uma árvore local, pouco antes da tão sonhada viagem. Ele, um jovem de 20 anos carismático, atencioso e gentil, que não tinha bolsas de estudo para a universidade francesa que ingressaria em alguns dias, mas que contava com uma bagagem gigante, carregada de sonhos e planos; eu, um jornalista que ouvia atentamente a história de vida daquele rapaz que, alguns anos

depois, se tornaria conhecido por sua arte e estaria mostrando ao mundo todo seu talento.

Após a chegada na França e o ingresso na Universidade de Paris-VIII, o mundo de Max deu voltas que o fizeram ganhar fama pela sua naturalidade e forma extrovertida. Com um vídeo falando sobre o suor e o mau cheiro dos franceses durante a época do verão europeu, o menino de Farias Brito viu acontecer, da noite para o dia, uma explosão meteórica que o tirou do anonimato e o colocou sob os holofotes de jornalistas e usuários de redes sociais do Brasil e de lugares de todo o mundo.

Estava ali uma grande oportunidade para a hora da virada na vida de Max. A quebra de estereótipos inicialmente concebidos em sua mente fez com que ele investisse em vídeos e se tornasse um youtuber. No finalzinho de 2022, ele tinha mais de meio milhão de inscritos em seu canal no YouTube. O sucesso se repete em outras redes sociais: no TikTok já eram mais de 450 mil seguidores e, no Instagram, mais de 930 mil.

De lá para cá foram inúmeros os vídeos de Max mostrando a rotina na França e nas viagens que realizou; dando conselho às pessoas que participam e interagem com ele diariamente; rindo – ou mangando, como diz o vocabulário cearense – do povo e de situações que encontra; fazendo a famosa vaia cearense, o “IÊÊÊÊÊÊI”, que faz a garganta de brasileiros e gringos vibrar ao entoá-la em alto e bom som; criando situações leves e divertidas etc...







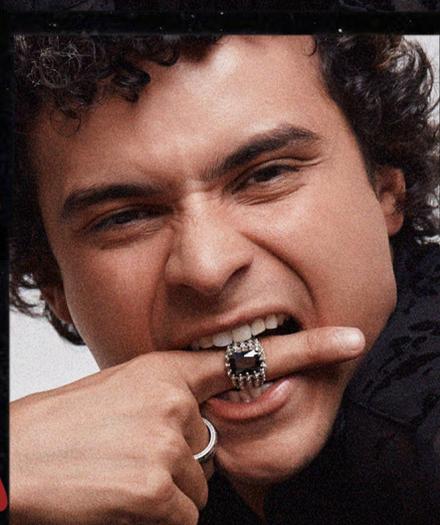
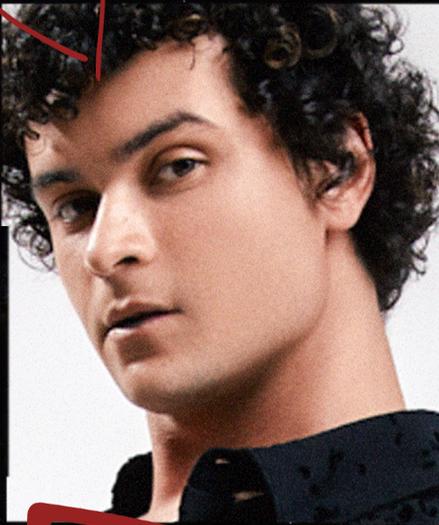
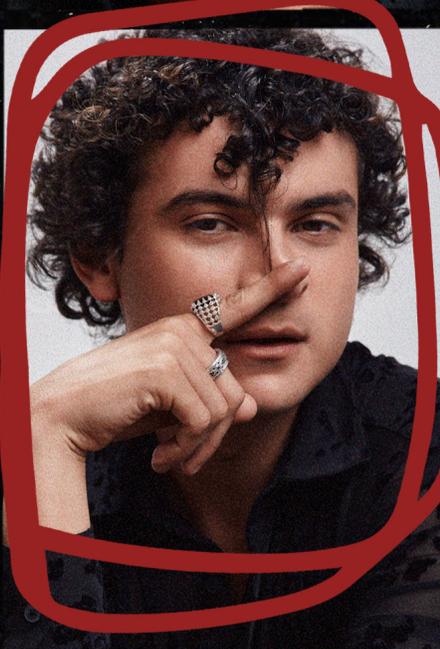
Todas, claro, levando o sotaque, os nomes, as cores e demais características do Cariri para todo mundo.

O primeiro trabalho de Max Petterson nos cinemas, o filme “Bem-vinda a Quixeramobim”, do diretor Halder Gomes, teve pré-estreia na França e exibição em alguns cinemas brasileiros. No Cariri, o público lotou as salas de exibição enquanto o filme permaneceu em cartaz. Na história, o ator interpreta Eri, morador de Quixeramobim, que acompanha Aimée, personagem de Monique Alfradique, após o pai dela se envolver em um esquema de corrupção e ela voltar às raízes da família materna na cidade cearense. A parceria nas telonas é fruto da conexão real que surgiu entre os dois artistas, que filmaram o longa-metragem com demais profissionais em isolamento social durante a pandemia de covid-19, no ano de 2020. Além de Monique, o elenco conta com grandes nomes nacionais, entre eles Chandelly Braz, Edmilson Filho, Falcão, Valéria Vitoriano e Silvero Pereira.

Nas telinhas, Max Petterson está brilhando, desde o final do mês de dezembro de 2022, na série “O cangaceiro do futuro”, da Netflix. Sob a direção de Halder Gomes e Glauber Filho, a história conta a história de um homem que é transportado para a década de 1920 e é confundido com Lampião, o rei do cangaço. Max interpreta Amaro, que consegue se encontrar após entrar para o bando montado pelo “novo” Virgulino. Valéria, Edmilson e Chandelly também estão no elenco, além de inúmeros outros grandes nomes, dentre os quais estão Dudu Azevedo, Fábio Lago e o caririense Edglê Lima, que interpreta o Cordelista.

Quem pensa que parou por aí, está enganado. Max Petterson também mostra seu talento nos palcos dos teatros. Com o espetáculo “Bôcu Bonjour”, ele encontra o público e conta suas histórias com o bom e velho “olho no olho”. Cidades como Fortaleza, Recife, Mossoró, São Paulo e Juazeiro do Norte já receberam o stand up desde que foi criado, após Max ser convidado pela equipe de Windersson Nunes para abrir o show dele em Paris.

Em 2023, o ano começou com agenda cheia, com Max levando todo seu humor e seu carisma às cidades de Crato, Rio de Janeiro e São Paulo. Antes disso, no último mês de 2022, foi quando nos encontramos para a entrevista que você confere aqui, na Yellow. A busca pelos sonhos, as mudanças da vida e os planos para o futuro são apenas alguns dos assuntos que discutimos. Convido vocês para que acompanhem como foi nossa conversa enquanto se deslumbram da beleza que ficaram as fotos, registradas em Juazeiro do Norte sob as lentes de John Felix, fotógrafo e diretor criativo. Que tal ler enquanto prova de um bom cafezinho com cuscuz, como um bom caririense? Vem com a gente!



→ 3

→ 8

→ 2A

→ 7A

→ 2

→ 7

→ 1A

→ 6A

→ 3

→ 8

→ 2A

→ 7A

→ 2

→ 7

KODAK SAFETY FILM

SAFETY FILM

ETY FILM

Max Jefferson

Joaquim Júnior: A gente vai começar falando sobre as tuas raízes. Você é natural de Farias Brito. Você cresceu lá? Peça que você fale um pouco como foi tua infância e teu trajeto aqui, no Cariri – a região que você sempre fala e que por onde anda sempre carrega o nome – até que você se apaixonasse pelo Teatro.

Max Petterson: Menino, o tanto de coisa! Eu comecei a fazer teatro com 12 anos de idade. A minha família sempre teve uma veia muito artística. Eu ficava vendo minha mãe fazendo apresentações, minha avó... Coisa de quadrilha, de escola, e eu acho que isso foi me inspirando. Na verdade, eu queria ser cantor, mas eu nunca consegui ser. Minha primeira aparição artística, na verdade, foi com oito anos fazendo rádio. Sete, oito anos de idade eu fazia rádio e era um negócio muito doido porque aconteceu de uma forma muito aleatória e também acabou de uma forma muito aleatória, mas eu acho que foi o suficiente pra me ascender essa chama artística de querer fazer teatro. Eu comecei a fazer teatro pela Prefeitura de Farias Brito, depois entrei num grupo de Farias Brito chamado Curumins do Sertão e, através dos Curumins, eu pude me profissionalizar na área. Éramos profissionais no amadorismo.. E foi muito incrível, porque a gente se apresentava em tudo que era lugar: praça, estacionamento, embaixo de pé de manga... O importante era estar se apresentando. Dos Curumins eu passei direto para a faculdade de Teatro, que foi

quando eu decidi realmente... Na oitava série, eu já sabia que eu queria fazer Teatro quando fosse no vestibular. E era a única coisa que passava na minha cabeça. Então, disse, “tem que ser teatro!”. Fiz faculdade de Teatro, entrei na Urca (Universidade Regional do Cariri) e de lá eu fui pra França e da França eu ‘tô aqui.

Joaquim Júnior: Qual foi o momento em que você decidiu ir para a França? Qual foi o momento que você parou e pensou “nossa, eu quero ir além, quero ir pra outro lugar”?

Max Petterson: Foi quando eu comecei a sentir a necessidade de outras pistas teóricas e práticas da minha vida acadêmica. Eu tentei muito Rio e São Paulo, mandando e-mail, buscando informações e que eu não tinha resposta – e eu acho que não seja culpa deles, deve ser a grande demanda. E um dia o meu orientador me convenceu a mandar uma mensagem pra Sorbonne, pelo Google Tradutor, e eu mandei e eles me responderam no mesmo dia. Aí eu falo que Paris passou a ser meu sonho a partir daí.

Joaquim Júnior: Você aprendeu francês praticamente sozinho?

Max Petterson: Praticamente sozinho! Eu fiz alguns cursos, mas muito, muito por cima, sabe? Foi realmente a dedicação, a força de vontade e a sobrevivência, porque quando eu cheguei lá eu cheguei falando

“nós vêm, nós vai” e o resto eu aprendi no grosso.

Joaquim Júnior: Já se foram oito anos desde tua ida ao continente europeu e, de lá para cá, muita coisa mudou. Uma delas é que você se tornou conhecido graças aos vídeos engraçados que cria, mostrando tua rotina, fazendo a famosa vaia cearense e mangando do povo e de situações dos lugares por onde você anda. Quando foi que você decidiu criar vídeos? Tudo foi planejado ou você meio que caiu despretensiosamente neles?

Max Petterson: Eu falo muito que não fui eu que escolhi fazer vídeos. Foram os vídeos que me escolheram pra fazê-los. Porque eu era do teatro, mas o meu teatro era mais a vibe performática e dramática. A comédia era algo do “Max pessoa” e não do Max diretamente ator. E, quando eu fiz um vídeo que viralizou na internet, que foi um dia que Paris fez o calor que Juazeiro nunca fez, eu saí na rua e reclamei do calor de Paris, em vídeo, do “sovaco dos” franceses. Isso viralizou e na época eu cheguei a contabilizar 21 milhões de views, entre várias páginas diferentes. E foi um negócio medonho na minha vida, porque foi um divisor de águas e ali eu vi que dava pra ser youtuber. Eu tinha o maior preconceito com o termo youtuber e quebrou ali. Caiu por terra ali, quando eu vi que aquilo ali era a oportunidade que eu tinha pra minha vida, sabe? E aí foi isso... Fui me

especializando, fui entendendo quem eu era dentro do YouTube, o que é que eu era, o que é que eu podia fazer. O que era que o público queria de mim. Levou uns dois anos, no mínimo, pra o conteúdo poder ficar mais estável. Hoje, eu acho que eu tenho um controle. E, às vezes, eu perco também e começo tudo de novo.

Joaquim Júnior: Era uma das perguntas que eu ia fazer assim, se você considera um divisor de águas algum ponto específico da tua carreira. Se algum vídeo... Eu estava em dúvida se você diria esse ou o do crême brûlée.

Max Petterson: Eles foram menos, porque o crême brûlée e o resgate do gato, quando eles vieram eu já era famoso. Entendeu? Então eles não foram feitos pra serem vídeos virais, mas, quando viraliza um vídeo e você já é famoso, você já sabe lidar com o negócio. O do sovaco, não. O do sovaco foi realmente que disse “hoje, gata, tua vida vai mudar!”.

Joaquim Júnior: Te assustou?

Max Petterson: Claro! Eu passei... Nem lembro, mas eu acho que eu devo ter passado uns três, quatro dias de claro, assim, só olhando o número, comentário, pirando! Naquele tempo não existia ansiedade, né? Ansiedade é uma doença nova. Mas, se existisse, eu teria naquela época com certeza! Eu fiquei olhando e eu me lembro que foi um negócio muito



surreal na minha cabeça. Muito surreal mesmo! Até hoje, quando eu penso, eu fico tentando imaginar o que era que eu fazia antes do YouTube e é muito difícil lembrar, diretamente, o que eu fazia no momento livre antes dos stories, antes de tudo.

Joaquim Júnior: É como se fosse uma outra vida?

Max Petterson: É como se fosse uma outra vida! A terceira, né? Porque eu tive uma antes do YouTube, uma no YouTube e uma pós-pandemia.

Joaquim Júnior: Recentemente você participou do filme “Bem-vinda a Quixeramobim”, dirigido por Halder Gomes, que teve estreia na França e exibição em alguns cinemas do Brasil, inclusive aqui no Cariri, a tua região. Como foi trabalhar junto a grandes nomes do cinema nacional? Quais foram as principais sensações que você sentiu desde o momento que foi selecionado até quando se viu nas telonas, quando apareceu teu rosto lá pela primeira vez?

Max Petterson: É uma mistura. É uma mistura de orgulho, de grandeza e ao mesmo tempo de nada com nada. Por que eu falo nada com nada? Porque, na minha carreira, ao longo das coisas que eu faço, eu procuro não ficar me deslumbrando. Se eu estou naquele trabalho eu não estou

fazendo porque vai pra o cinema, eu não estou fazendo porque vai pra TV. Eu estou fazendo porque eu quero, porque aquilo me dá prazer de fazer. Então eu só faço! E aí, quando sai o resultado que a galera fica vendo, dizendo que assistiu, não sei o quê, na minha cabeça é muito surreal fazer a triagem e dizer “meu Deus, eu ‘tô famoso com isso!”, porque eu não fico pensando nisso. Mas foi muito incrível receber o convite do Halder. Ele me convidou pra fazer o filme. Ele disse que escreveu o Eri pensando em mim, porque a esposa dele me assistia no YouTube e foi muito bacana ter esse pertencimento do meu primeiro longa ter sido um longa cearense, em que eu não tinha que mudar o meu jeito de ser – claro, era um personagem, a gente muda o jeito pra o personagem, mas eu não tive que mudar o jeito de falar pra me adaptar ao personagem. E também tem a estreia em Paris, que foi algo que, assim, eu mexi os pauzinhos também pra ajudar que o filme chegasse até Paris, mas eu nunca pensei que o filme fosse estrear em Paris. E é muito surreal porque Paris, na minha vida, é muito pontual. O meu primeiro stand up foi em Paris pra abertura do show do Whindersson Nunes – uma coisa que eu também não esperava – e o meu primeiro filme estreou em Paris também.

Joaquim Júnior: Você meio que falou um dos pontos que eu vou perguntar agora: como se deu a construção de Eri, teu personagem? Quanto você se sentiu contemplado por fazer o primeiro filme

da tua carreira no Ceará, que é o estado em que você nasceu, falando com o teu sotaque – que, naturalmente, como você falou, tem a construção do personagem – e ao lado de tantas personalidades da comédia cearense?

Max Petterson: Foi muita responsabilidade, porque meu personagem se chamava Eri – se chama Eri! Ele não morreu, né? ‘Tá lá! O Eri me deu muita responsabilidade porque eu sabia que exigia um time de comédia do Max, do YouTube, e do Max pessoa física, mas ao mesmo tempo eu tinha que mostrar ali um personagem que as pessoas não tinham visto ainda, porque senão eu ia ficar considerado não como ator, mas como youtuber que faz filme – a gente sabe que tem muitos. Então eu fiquei me policiando de dizer “o que é que eu vou dar de mim sem ser muito eu e sendo eu?”, que eu acho que dá pra entender essa expressão. Eu fiquei meio pirado e aí a figurinista me falou uma frase que, pra mim, foi muito importante. Ela falou “o Eri é um seguidor do Max”. Então, o Eri, ele se inspira muito no Max. Ele está em Quixadá, mas ele acompanha o Max em Paris. Então, com o dinheiro que ele tem, o jeito que ele tem, ele é autêntico da forma como ele pode ser. Porque, pra ele, é muita coisa. E isso, pra mim, foi um divisor de águas pra desbloquear o personagem. Eu poderia ser a Aimê na vida dele. A partir do que a figurinista disse eu comecei a observar várias coisas e a entender minha posição na

cena, de várias formas.





“..quando eu fui ficando adulto eu fui deixando de sonhar e fui começando a fazer, independente se eles se realizavam ou não. Então, à medida que eles iam se realizando, eu não sei mais se eu tinha essa ideia de que estava realizando um sonho. Pra mim eu estava concluindo algo que eu comecei.”



Joaquim Júnior: O filme foi produzido em meio à pandemia de covid-19, num momento em que era crucial obedecer às restrições impostas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Conta um pouco como foi essa experiência... Ele foi filmado com todos vocês em isolamento, né?

Max Petterson: Esse filme tinha tudo pra não dar certo. E ele deu. A gente gravou em outubro de 2020, a pandemia começou em março de 2020. Então imagine o auge de outubro como estava. Era no auge de tudo, antes de vacina, antes de tudo... Então foi um isolamento muito doido. Eu já comecei no cinema de uma forma muito louca! A gente ficou um mês isolado no hotel e um mês isolado no hotel fazenda. Um mês isolado em Fortaleza e um mês em Quixadá. Por um lado foi bom, porque era quase um Big Brother: a gente vivia e respirava o roteiro, a geografia, o clima, os atores. Eu criei uma afinidade muito grande com Monique Alfradique por causa disso – o que se passa no filme, porque a gente não se conhecia antes disso. E, por um lado foi muito bom, porque a gente também viveu o mundo sem pandemia por dois meses. O nosso isolamento era tão forte que criou-se uma bolha social e ali, entre os atores, somente os atores, a gente conseguia viver como se a covid não existisse, porque a gente vivia entre a gente. Então foi muito interessante essa experiência, E ninguém se infectou. Ninguém!

Joaquim Júnior: No mês de dezembro foi lançada, pela Netflix, a série “O Cangaceiro do Futuro”. Do que se trata a série e quem você interpreta nessa nova história?

Max Petterson: “O Cangaceiro do Futuro” é uma parceria do Halder Gomes com Glauber Filho, que eles estão juntos nessa série dirigindo. É uma série da Netflix que estreou no feriado de Natal, 25 de dezembro. E eu falo que é um presente pra nós, nordestinos, porque apesar do tema já ser um tema “batido”, vamos assim dizer – Cangaço, sertão... – a gente está trazendo o cangaço e o sertão pra um nível internacional, porque é uma série traduzida em 40 países. Então, é muita coisa! Ela traz elementos do Cariri. Tem o padre Cícero, tem o nosso sotaque, tem referências de pontos geográficos daqui do Cariri. É como se a cidade da série fosse no Cariri. É uma cidade que não existe, mas, se ela existisse, ela seria no Cariri. E é muito massa, porque ela conta a história de um cara que vivia nos anos atuais, 2020, 2021, que sofre um acidente e viaja no tempo. Ele pede ajuda a Padre Cícero e cai em 1927, no Nordeste. Ele se toca que as pessoas têm muito medo dele, muito receio dele nesse vilarejo e que é a cara de Virgulino Lampião. Então ele decide se passar por Virgulino Lampião e criar o próprio bando, aí daí você já imagina quando Lampião descobre o que é que ‘tá acontecendo. Então é muito interessante essa série, porque ela não traz o lado





sombrio do cangaço – porque a gente sabe que o cangaço também carrega um lado muito pesado na história do Nordeste – mas ela traz isso um pouco como uma forma simbólica de representar um marco que aconteceu nos anos 20 aqui, no Nordeste, e trazendo isso com a leveza pra mostrar um pouco a nossa regionalidade. Meu personagem se chama Amaro. Ele é filho do coronel e ele tem as suas cobranças por ser filho do coronel: um filho homem, o único filho homem do coronel, pai solteiro e toda aquela herança... 1927. Então você já imagina o que se passa na cabeça do coitado de Amaro. Não sei quem é Amaro. Amaro se descobre e eu também me descubro junto com ele. Então essa série é uma apresentação do personagem Amaro. E ele entra no cangaço e se descobre dentro do cangaço. “Mas, Max, descobre o quê?” – ele se descobre aquilo que ele é. Eu falo isso não é enrolando, é porque o Amaro, realmente, é muito misterioso. Então, aos poucos, com cada episódio, ele vai deixando transparecer um pouco o que ele é. Ele é muito ingênuo, ele é muito simples e ele só quer, na verdade, ser feliz. Então eu não sei o que ele é, o que ele gosta... Ele é Amaro.

Joaquim Júnior: Há novos projetos audiovisuais vindo pela frente? Já pode dar algum spoiler?

Max Petterson: Tem um... A nova temporada do “Cine Holliúdi”, que é a terceira temporada, na Rede Globo. Eu fiz

participação em um episódio como agente secreto não tão secreto. Eu e Tadeu Melo, que fez A Turma do Didi por muitos anos, um cearense maravilhoso. A gente fez e vai ao ar em abril, na Rede Globo. Até agora só, mas já ‘tá bom, né?

Joaquim Júnior: ‘Tá ótimo, bom demais! Como é que tem sido o feedback do público quanto aos seus trabalhos? Você já se acostumou com os elogios? Por onde você passa você é uma pessoa extremamente querida! E também quero saber se você já se acostumou com haters: você tem muitos haters?

Max Petterson: Assim, da questão da fama eu acostumo e não acostumo, porque eu esqueço que sou famoso. Por exemplo, eu estou agora fazendo essa entrevista contigo e respondendo, mas não fica passando na minha cabeça que eu sou famoso, não. Aí, às vezes, eu estou no aeroporto ou no shopping e a galera vem tirar foto. Vir tirar foto, beleza, a gente se acostuma... Mas, às vezes, tem gente que chora, tem gente que fica extremamente emocionada. Eu fico “meu Deus, pra quê isso?!” – porque, na minha cabeça, eu não sou famoso, sabe? Então é meio surreal, porque eu tento ser a mesma pessoa desde sempre. Quem me conhece de antes sabe que meu jeito de falar é o mesmo, meu jeito de agir é o mesmo. Então ainda é algo meio surreal pra mim, mas é muito bom. É só carinho! E hater eu tenho muito pouco,

assim, sempre tem, mas quando tem é algo muito generalizado... É uma pessoa mal amada com a vida ou xenofóbica e esse vai ser hater com todo mundo. Faz parte do negócio, não vou ficar doido com isso não. Às vezes tem tanta gente que diz que lhe ama e você nunca responde e alguém manda você se lascar, você vai pegar uma briga com a pessoa... Não compensa.

Joaquim Júnior: A gente não pode deixar de falar do espetáculo Bôcu Bonjour, que já percorreu algumas capitais brasileiras e retorna agora ao Cariri no mês de janeiro. Como foi que nasceu e amadureceu ao longo do tempo?

Max Petterson: Ele nasceu através de um convite da produção francesa do Whindersson Nunes, em 2019. Whindersson fez uma turnê na Europa, um show em Paris, e a produção da França me convidou pra abrir o show dele. Aí eu fui, sem ter nada. Criei um esquete lá na hora, fiz morrendo de medo, aí deu super certo. Porque eu não sabia que o público do Whindersson na França também era o meu – que eram os brasileiros na França. A galera recebeu super bem, deu super certo! No dia seguinte me convidaram pra fazer a abertura na Bélgica. Eu fui. E fiquei com aquilo na cabeça que eu queria criar um stand up. Aí um ano depois, em 2020, eu criei o “Bôcu Bonjour”. Eu fiz duas apresentações que foram esgotadas em Fortaleza, com 1.200 pessoas, e fiz duas no

Sesc Juazeiro do Norte também, que deu 1 mil pessoas. Depois disso, veio a pandemia, aí cortou pela metade, não consegui e hoje, dois anos depois, a gente voltou com o mesmo espetáculo – claro que adaptado, porque dois anos depois é muita coisa. De setembro de 2022 até agora, nós fizemos 2.200 pessoas em Fortaleza, 800 no Recife, 500 em Mossoró, 400 em São Paulo. Todos esgotados! Pra janeiro eu não tenho mais data... Pra não falar que eu não tenho data eu só tenho datas que eu ainda não anunciei, que é um negócio incrível, até eu me choquei. Quando a gente lançou São Paulo, a segunda agora que é no Teatro Gazeta, na Avenida Paulista, um teatro super renomado que tem 700 lugares, com menos de 24 horas, tipo oito horas, tinham pouquíssimos lugares. Eu mandei mensagem pra o produtor e disse “dá uma olhada com o cara do teatro, que ‘tá dando erro no site, porque não tem ingresso pra o povo comprar”. Ele disse “Max, eu tô chocado... Esgotou!”. Então a gente esgotou São Paulo em um dia, sendo que a gente tinha acabado de passar por lá. Rio de Janeiro também esgotou em um dia. Então eu ‘tô me sentindo numa vibe muito Xuxa! ‘Tô pra encomendar uma nave espacial pra sair de dentro. Mas, pra mim, ainda é surreal, essa ideia. Cariri também esgotou muito rápido. Eu ‘tô lançando o show e eles estão esgotando muito rápido. Não dá tempo eu falar com a imprensa! Quando eu vou falar com a imprensa o negócio acabou.

Joaquim Júnior: Muito bom, né? Acho que nesses momentos é que tua ficha vai caindo aos poucos. Olha a dimensão!

Max Petterson: É! Meu Deus... E a responsabilidade de fazer um negócio bonito!

Joaquim Júnior: Esta pergunta é justamente sobre isso... Como é lotar os teatros por onde você passa e receber tanto amor? Você consegue descrever, mais ou menos, como é isso tudo? E, claro, como é voltar para tua terra natal com essa demanda toda e com esse reconhecimento e esse carinho que as pessoas possuem por você?

Max Petterson: O maior foco que eu boto, a maior palavra que eu boto na minha cabeça pra fazer os stand ups é “alienação”. Porque, meu filho, se eu for pensar o tanto de gente que tem ali, eu sozinho naquele palco, aquele microfone, o povo tudo olhando pra mim esperando eu fazer uma piada, eu nem subo, porque é muita pressão! Então eu procuro fingir que não existe nada. Na minha cabeça é como se eu estivesse aqui sentado com você, nessa mesa – sou eu no stand up! Eu entendi que as pessoas estão indo porque elas me conhecem e gostam do que eu faço, então não tem porque eu ser outra pessoa além de mim mesmo. Então só vou e sou eu. E vir pra o Cariri... Eu demorei quatro meses pra vir pra o Cariri porque eu queria vir e fazer um negócio bonito. E eu realmente espero

que esse show que eu vá fazer no Cariri seja algo memorável. Eu estou com unhas e dentes aí me dedicando pra tentar fazer algo muito especial no Cariri, porque a gente sabe que a gente roda o mundo, mas o terreiro de casa é especial!

Joaquim Júnior: Desde que tua arte ganhou o mundo e mais pessoas te conheceram, foram inúmeros os convites para participar de entrevistas, podcasts, ensaios, participação em eventos e por aí vai. Pode citar alguns deles que te marcaram?

Max Petterson: Eu fiz muita coisa, muita, muita, muita coisa, mas são poucos que ficam na cabeça porque tem muita reportagem, matéria que a gente faz que as perguntas são a mesma, né? Tanto que, quando eu explodi com meu vídeo na internet, eu lembro que eu tinha um áudio no WhatsApp explicando. Os repórteres vinham e eu só encaminhava o áudio, porque todo mundo perguntava as mesmas coisas! Então eu me lembro que eu só encaminhava os áudios, ficava caminhando e caminhando. Mas, assim, tive vários trabalhos muito bons que eu fiz, que eu achei que fluíram bastante... “Um Milkshake Chamado Wanda”, que é um podcast muito famoso lá de São Paulo, já fiz várias vezes, já perdi a conta. E eu acho muito interessante conversar com os meninos e fico muito feliz, visto os convidados que eles têm, de me botar ali no meio e dizer assim, “Max vá participar,



tão bacana quanto a gente”. Ter sido garoto-propaganda da “Emily em Paris” no Brasil, em 2020, ter feito a publicidade da Emily, no YouTube da Netflix Brasil, pra mim, foi algo muito surreal imaginar que aquele menino de Farias Brito estava em Paris representando uma série americana que falava sobre a França. Eu digo, “meu amor, você anota o número!”. Pra mim foi muito especial. E tem vários outros que eu não vou lembrar, porque, como eu te disse, eu faço as coisas por prazer e depois eu esqueço o que eu tenho feito. Então não fico pegando aquilo ali como um troféu. Agora, se eu for procurar realmente pensar, eu vou lhe dizer várias coisas, mas agora eu só tenho essas coisas.

Joaquim Júnior: Como ator profissional, quem são as tuas maiores inspirações?

Max Petterson: Eu tenho várias, várias inspirações! Dira Paes, Adriana Esteves, Fernanda Montenegro... É tanta gente, mas, assim, todas mulheres... Andréa Beltrão, Fernanda Torres. Elas têm um time próprio de comédia, de vida, de atuação e eu me inspiro muito! Acho que um dia seria uma honra atuar com elas. Até eu disse “Halder, bota em uma segunda temporada Dira Paes pra ser a minha mãe”, porque eu não tenho mãe na série. Eu digo, “óia, joga pros anjos!”.

Joaquim Júnior: Possivelmente você já contracenou com algumas pessoas com quem já chegou a sonhar. Além delas

e dessas que citou, quais outras você deseja ter a oportunidade de trabalhar junto algum dia?

Max Petterson: Eu fico muito aberto, porque pessoas como Monique Alfradique, Dudu Azevedo, Fábio Lago, Chandelly Braz, Luís Miranda... Eu nunca pensei que eu fosse trabalhar com eles e eu trabalhei com todos eles. Então eu deixo aberto, porque é melhor criar bode e galinha, mas não criar expectativa.

Joaquim Júnior: Agora vamos falar sobre sonhos... Você já conseguiu realizar muitos sonhos? Quais são os que você ainda busca alcançar?

Max Petterson: Eu acho que sim. Porque, assim, quando eu era mais novo eu sonhava muito. E quando eu fui ficando adulto eu fui deixando de sonhar e fui começando a fazer, independente se eles se realizavam ou não. Então, à medida que eles iam se realizando, eu não sei mais se eu tinha essa ideia de que estava realizando um sonho. Pra mim eu estava concluindo algo que eu comecei. Era a colheita de uma plantação que foi feita há muito tempo. Então essa ideia de sonho caiu um pouco por terra, porque você sempre sonha aquilo que você não tem. A partir do momento que você tem, você está sonhando outra coisa. Então nunca realizo, porque eu estou sempre querendo mais e mais e mais. Chega a ser ambicioso, mas, assim, eu sou muito feliz com tudo que eu conquistei e sou muito

grato a tudo que eu tenho.

Joaquim Júnior: Atualmente você tanto mora na França como também passa temporadas no Brasil. Como você consegue conciliar?

Max Petterson: Não, não concilia não. É porque eu realmente não tenho o que fazer... É porque, assim, a vida que eu criei na França é algo muito forte, que eu não tenho como me afastar dela agora. Apesar desse ano eu só ter passado três meses na França, no ano de 2022, eu ainda vejo a França como o meu lar, ainda tenho minha casa, pago meu aluguel, tenho os meus amigos, tenho o meu jeito de ser. A França me permite ter uma privacidade que hoje não tenho mais no Brasil. Então, na França eu consigo sair pra uma festa sem me preocupar se tem alguém me filmando, alguém me olhando ou se eu tenho que parecer sempre simpático – porque a gente sabe que, às vezes, você não ‘tá num dia muito bom, mas aquela pessoa lhe encontra e, se você não estiver num dia muito bom, era o único dia que ela tinha pra você, então você também tem que fazer um esforço. Então a França me quebra de tudo isso. Não que eu ache ruim isso que acontece comigo no Brasil, não é isso. Mas, na França, eu sou mais livre do que no Brasil. No Brasil é meu trabalho... Trabalho, trabalho, trabalho. Na França é a minha vida. Então, talvez um dia eu volte a morar no Brasil realmente, mas hoje eu digo que eu vivo nos dois, porque assim, ó,

eu passo seis meses no Brasil, seis meses na França, eu ‘tô morando nos dois.

Joaquim Júnior: Quem te acompanha vê o quanto você é próximo da sua família. Principalmente da tua mãe e da tua avó, que elas aparecem constantemente nos teus stories, você sempre fala com elas, enfim. Como é que vocês driblam a saudade e a distância?

Max Petterson: Menino, hoje com WhatsApp ninguém tem mais saudade de nada não. Tem não! Olhe, quando eu vejo vó e mãe, é claro que tem aquela saudade daquela coisa, mas juro a você... A internet aproxima muito as pessoas – ela tanto aproxima quanto afasta, né? Aproxima, no caso, eu e a minha mãe, afastados por um oceano, e afasta tipo eu e você, que moramos na mesma cidade e mal nos falamos porque estamos sempre no celular. Então esse é um negócio muito doido. E hoje, graças a Deus, nos últimos dois, três anos eu pude vir ao Brasil com mais frequência. Isso faz com que a saudade fique normalizada. Não fica mais aquela coisa angustiante como era antes.

Joaquim Júnior: Inclusive, a tua mãe já foi lhe visitar, né? Como foi recebê-la?

Max Petterson: Minha mãe foi em 2021. Foi a primeira vez! Foi surreal, porque imagina você viver sete anos num lugar e, pela primeira vez, você vai mostrar pra

sua mãe a sua casa, a sua cama, o seu banheiro, a sua padaria... Então isso, pra mim, era o mais excitante. Era mostrar minhas coisas pra ela sete anos depois. Eu acho que aconteceu na hora certa que tinha que acontecer. Foi ótimo!

Joaquim Júnior: É notório que você pode, literalmente, rodar o mundo, mas, como diz a música, “não deixa o Cariri nem no último pau de arara”. A região continua no teu coração sem prazo de validade?

Max Petterson: E nunca vai sair! O povo pergunta pra mim “ai, se você tivesse que escolher entre a França e o Brasil, qual você escolheria?” – Eu escolho o Brasil, porque eu sou brasileiro! Porque uma coisa que é muito importante é que, se você não sabe quem você é, se um dia você se perder você não sabe voltar. Entendeu? Então, tipo assim, talvez eu nunca mais more no Cariri oficialmente, mas isso não quer dizer que eu não tenha que vir aqui, que eu esqueça quem eu sou, que eu esqueça a forma de andar, de falar, porque isso não vai mudar em nada. O fato de eu estar em qualquer outro lugar, ou chique ou não chique, pelo mundo afora. Então eu acho que isso é muito importante, é tipo você saber onde é que você nasceu, a sua raiz. E é isso... Eu acho que não tem muito o que falar não. É o Cariri e não tem como eu tirar isso de mim!

Joaquim Júnior: Para finalizar, eu peço que você deixe uma mensagem para os teus fãs que te seguem e, claro, para aqueles que te conheçam a partir desta entrevista e nos próximos meses.

Max Petterson: Mulher, muito obrigado pelo carinho, pela compreensão, pela paciência, pela coragem de não ter o que fazer e ficar me assistindo... É tipo assim: se você se inspira em mim, se inspire direito, pelo amor de Deus! Porque hoje eu ‘tô numa fase muito chique, mas eu já tive uma fase muito mais lascada da minha vida e tudo isso faz parte pra o nosso aprendizado. É entender que todo momento é passageiro, seja ele bom, seja ele ruim – isso é muito importante – e que nada é eterno. E que tudo que você almejar você pode conseguir. Se você não conseguiu é porque não era pra você. Parece clichê, mas não é. Não deixe de sonhar com as coisas que você tem que sonhar! Porque ‘tá eu, que estava lá em Farias Brito, com 12 anos, quando eu disse que queria fazer Teatro e fiz. Fui pra Paris e fiz acontecer as minhas coisas e hoje eu controlo um pouco a minha vida do jeito que eu quero controlar. Então eu acho que isso faz parte e só aconteceu porque eu realmente não dei ouvido às pessoas erradas, e sim às pessoas certas – porque tem isso também.



YELLOW
MAGAZINE